

Ripsman, Norrin; Taliaferro, Jeffrey; Lobell, Steven. Neoclassical Realist Theory of International Politics. Oxford: Oxford University Press, 2016. 208 p. ISBN: 9780199899234

ÁLVARO VICENTE COSTA SILVA¹

Resumo Este trabalho resenha a obra Neoclassical Realist Theory of International Politics, de Norrin Ripsman, Jeffrey Taliaferro e Steven Lobell, publicado em 2016. O intuito dos autores é construir um modelo teórico realista neoclássico, indo além do ideário neorrealista focado apenas em fatores sistêmicos enquanto determinantes da política exterior de um Estado. Assim, alguns fatores domésticos são elencados enquanto variáveis intervenientes capazes de influenciar a resposta de um Estado aos estímulos vindos do sistema internacional.

Palavras-chave: Realismo, Teoria das Relações Internacionais, análise de política externa.

Abstract: This paper aims to review Neoclassical Realist Theory of International Politics, a book written by Norrin Ripsman, Jeffrey Taliaferro e Steven Lobell and published in 2016. The authors goal is to construct a neoclassical realist model, as a further advance in comparison to neorealist appraisal of International Politics, whose claim that systemical restraints and dictates the foreign policy of states. Hence, some domestical factors are placed as intervening variables that can influence a state's reaction to the stimulus emanated from the international system.

Keywords: Realism, International Relations theory, Foreign policy analysis.

Recebido em:
13 de Maio de 2018

Received on:
May 13, 2018

Aceito em:
22 de Maio de 2018

Accepted on:
May 22, 2018

DOI: 10.12957/rmi.2017.34174

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UERJ. **Endereço para correspondência:** PPGRI/UERJ - Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão - João Lyra Filho, 9º andar, Bloco F, sala 9037, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ - Cep: 20550-013. **E-mail:** alvarovicentecosta@gmail.com

O realismo neoclássico em geral concorda com ideia neorrealista de que a construção da política de segurança de um Estado deve ser baseada na defesa contra ameaças e pelo aproveitamento de oportunidades provenientes do sistema internacional. Isso reforça a noção de que o objetivo primário de todos os Estados é a própria sobrevivência. Entretanto, diferentemente dos neorrealistas, tal corrente identifica problemas na realização – como o divórcio entre fatores da arena internacional e domésticos.

Para o realismo estrutural, os constrangimentos sistêmicos que imperam sobre os Estados são claros, fazendo com que seja evidente o tipo de reação esperada por eles em certos contextos. Há uma tendência para que Estados reajam de um modo “ótimo” contra ameaças, visando sua sobrevivência. Para explicar desvios de tal padrão seriam necessárias teorias focadas nas estruturas internas dos Estados, para dar conta dos diferentes comportamentos nacionais. Assim, para os neoclássicos, a análise do poder de um país deve considerar essa estrutura interna. Fatores sistêmicos podem afetar as diretrizes gerais da ação externa, mas os estímulos vindos do ambiente internacional podem ser interpretados de

modos diversos de acordo com a configuração das elites e as estruturas de governo domésticas.

Nesse sentido, os autores almejam aprimorar a capacidade explicativa do neorrealismo, ao incluir variáveis intervenientes do nível doméstico dos Estados que possam explicar caminhos de política externa por eles escolhidos. A ambição vai além de explicar “desvios” do que seria uma política externa “ótima” aos olhos do realismo estrutural. A ideia é conseguir analisar o processo de formulação e implementação da política exterior de um Estado, seja convergente ou divergente dos padrões neorrealistas – sendo uma inovação em relação aos próprios esforços anteriores do realismo neoclássico.

Os autores afirmam, no primeiro capítulo, a existência de dois tipos de realismo neoclássico: um “explicador de anomalias” e um “explicador de política externa”. De acordo com o primeiro, Estados quase sempre seguem os preceitos do realismo estrutural, mas alguns casos divergentes recebem explicação focalizada nas ineficiências vindas do ambiente interno. A maioria dos arranjos neoclássicos segue tal padrão. O segundo almeja ir além desse objetivo, afirmando que, em casos extremos, Estados seguirão o imperativo

sistêmico, mas essa situação é rara. Na realidade, há um rol de opções amplo para o empreendimento de uma política externa, com diferentes fatores influenciadores, vindos do campo doméstico. O objetivo de Ripsman, Lobell e Taliaferro é construir, nessa obra, um realismo neoclássico desse segundo tipo.

Indicando que o sistema internacional raramente provê informação clara aos Estados sobre os constrangimentos e oportunidades que aparecem, apontam que o realismo estrutural tem tal característica como principal ponto fraco. De maneira similar, abordagens focadas no ambiente doméstico também têm problemas, especialmente em momentos de grande pressão do ambiente externo – apenas em casos extremos, como líderes ameaçados por um processo eleitoral, é que a ação externa tende a ser baseada em considerações majoritariamente domésticas.

Assim, nem sempre ameaças e oportunidades estão claras aos envolvidos. Em situações extremas essa diferenciação é possível, mas tal clareza de sinais externos é rara em meio a diversas ambiguidades que podem emergir. Esse é mais um ponto que demanda ir além das considerações

sistêmicas para explicar o comportamento de um Estado.

São elencados no primeiro capítulo quatro fatores que dificultam tal resposta “ótima” dos Estados ao estímulo externo: 1) a habilidade dos líderes em perceber as condições do ambiente externo, 2) falta de clareza de tais condições, 3) limitações para seguir um curso racional de ação, 4) dificuldade de mobilizar recursos. Esses pontos justificariam a necessidade de uma teoria que abarque fatores domésticos. De acordo com o exposto no segundo capítulo, o grau de clareza dos estímulos externos é crucial para a compreensão de uma política externa: quanto mais evidente a ameaça, menor a influência de grupos de interesse domésticos e a capacidade de uma resposta “ótima” segundo os preceitos do neorealismo.

Apesar disso, o sistema internacional mantém o protagonismo no realismo neoclássico, sendo colocado como variável independente. De acordo com o segundo capítulo da obra, fatores sistêmicos – como a geografia e a difusão tecnológica – seriam “modificadores estruturais”, que influenciariam e alterariam o foco e escopo das políticas externas dos Estados. A anarquia internacional seria, na visão dos autores, uma condição permissiva para ação, e o poder é tido

como meio para atingir um fim – e não como um fim em si mesmo.

As quatro variáveis intervenientes

Os condicionantes domésticos entram na teoria, assim, como variáveis intervenientes. Representando os quatro pontos “desvirtuadores” de uma política externa “ótima”, quatro variáveis são apontadas no terceiro capítulo como cruciais para a análise da política externa de um Estado: a imagem do líder, a cultura estratégica, as relações entre o Estado e a sociedade civil, e o papel das instituições domésticas.

A *imagem dos líderes* foca nos credos e visões das unidades decisórias de mais alto escalão. Os autores nomeiam esse grupo como sendo a executiva da política externa (foreign policy executive), que é composto pelos chefes de Estado e de governo e conselheiros em posição de destaque nos assuntos de ação externa. Esse grupo possui informação privilegiada, sendo assim, o principal ator a se estudar, e o com maior proeminência em momentos de crise, considerando o escasso período temporal para a resolução da questão. Alguns líderes podem ter visões distorcidas da realidade (ou simplesmente almejam desafiá-la), e suas idiossincrasias podem determinar a opção por determinado curso de ação.

A *cultura estratégica* influencia a percepção e adaptação de estímulos sistêmicos por parte do Estado. A cultura organizacional de grupos como as Forças Armadas, além dos credos e expectativas da sociedade estão incluídos. A cultura ou expectativa da população molda o entendimento estratégico de líderes e elites, tornando algumas escolhas possíveis e outras não, constringendo cursos de ação. A ideologia predominante e o sentimento nacionalista também seriam pontos dessa cultura.

A *relação do Estado com a sociedade* também pode constringer uma resposta aos imperativos sistêmicos. A configuração de coalizões internas e o apoio público são fundamentais para a boa implementação de uma política externa e uma maior capacidade de utilização de recursos. Além disso, tal oposição também pode vir de *instituições domésticas*, que podem agir como “mediadoras” do jogo político no nível interno, pautando as regras da competição doméstica pelo policy-making, determinando quem contribui para a política, em que estágio e quem teria poder de veto.

Realismo neoclássico: uma alternativa viável?

Assim, o grande objetivo do realismo neoclássico não é descartar

completamente o neorrealismo, usando de um julgamento comum sobre sua incapacidade de explicar o comportamento estatal. Isso seria errado, especialmente ao considerar que tal questão nunca foi parte da proposta waltziana. A ideia dos realistas neoclássicos é prover ao neorrealismo de maior poder explicativo ao considerar percepções e limitações domésticas,

aprimorando a base neorrealista que lhes serviu como ponto de partida. A mudança estrutural é enraizada nos investimentos individuais das principais potências mundiais. Uma teoria de política internacional que não considere o processo de elaboração das estratégias dos países tende a ser incapaz de apreender as mudanças no contexto internacional.
